

# Introdução: hábito, crise e novos media

## MADALENA MIRANDA

Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências  
Sociais e Humanas  
Instituto de Comunicação da NOVA — ICNOVA  
madalenamiranda@fcs.unl.pt

## ILO ALEXANDRE

Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências  
Sociais e Humanas  
Instituto de Comunicação da NOVA — ICNOVA  
iloaguiar@fcs.unl.pt

Quatro mil milhões e oitenta e oito milhões de pessoas acederam à Internet em outubro de 2021, ou seja, 61,7% da população mundial (Kemp 2021). Da mesma forma, neste segundo ano da pandemia de Covid-19 as redes sociais tiveram um crescimento de quase 10% em comparação com 2020, atingindo 4,55 mil milhões de utilizadores (Kemp 2021). Em seus telemóveis, esses utilizadores praticam uma espécie de palimpsesto 2.0: produzem e consomem de forma contínua e ininterrupta—deixando sempre um rastro.

Wendy Hui Kyong Chun, em *Updating to Remain the Same: Habitual New Media* (2016), argumenta que os media se tornam mais importantes quando parecem não ter importância—quando transitam de “novo” para o “habitual”. Tecnologias como *smartphones* já não nos surpreendem mais, foram absorvidos em nossas vidas de tal forma que “os utilizadores se tornam suas máquinas: eles transmitem, atualizam, capturam, carregam, compartilham, destroem, criam hiperligação, verificam, mapeiam, salvam, deletam e odeiam. A repetição gera *expertise*, ao mesmo tempo que gera tédio” (Chun 2016, 1).

A repetição tem um papel fundamental na informação, permitindo que a comunicação aconteça. “O homem, recolector de comida, reaparece de maneira incongruente como recolector de informação. Nesse sentido, o homem eletrónico não é menos nómada do que os seus ancestrais paleolíticos” (McLuhan 1967, 309). Porém, as constantes atualizações impedem que o hábito se instale por completo. Para Chun, passamos por

contínuas crises porque a sociedade neoliberal em que vivemos encoraja-nos a mudar os nossos hábitos, ao contrário da sociedade ou das instituições. Defendida pelo economista Milton Friedman, a proliferação de crises parece ter como finalidade mudar para que tudo permaneça igual. Como escreveu Giuseppe Tomasi di Lampedusa em *O Leopardo*: “Se quisermos que as coisas continuem como estão, as coisas terão que mudar” (2015, 31).

Chun interpreta a integração das redes sociais nos nossos hábitos como um conceito definidor do presente. Por um lado, “as redes têm sido centrais para o surgimento, gestão e imaginário do neoliberalismo” (2016, 16) e o seu domínio é um poder estrutural sobre os laços sociais.

Por outro lado, o *habitus* é tido como um conceito social central, da *hexis* de Aristóteles às concepções teóricas sobre a prática em Pierre Bourdieu (1972), onde o coletivo e as condições materiais são cruciais para a replicação social. Esta noção situa o *habitus* como uma forma de inculcar as estruturas materiais no social, renunciando as suas implicações a influência e a complexidade dos media nas nossas vidas, tão onipresentes quanto quase involuntários. Hoje os laços sociais, expostos ao *stress* global do contexto pandémico, é indiscutivelmente atravessado pelas estruturas profundas da mediação digital, declinadas em diferentes camadas e perspectivas. De um lado, a biopolítica de uma monitorização global como resultado da Covid-19, mas também a transformação das atividades sociais em experiências completamente mediadas como o trabalho, a escolaridade, a administração pública, a saúde e o lazer. “O hábito, com todas as suas contradições, é central para compreender os paradoxos dos novos media: a sua efemeridade duradoura, a sua invisibilidade visível, a explicitação do seu poder, a sua individualização em rede e a sua ubiquidade obsoleta” (Chun 2016, 15).

O interface social é um interface digital. Os objetos digitais tornaram-se centrais para o funcionamento da sociedade. Computadores, tablets, *smartphones*, como extensões materiais melhuanianas, tornaram-se uma realidade mais enraizada, desde a infância até às idades mais avançadas. Do ponto de vista das práticas, os hábitos de comunicação digital passaram a ser a regra: aulas, desde a infância aos adolescentes e ao ensino superior, reuniões de trabalho, serviços públicos, comércio *online*, serviços assistenciais. Também a vida académica foi rapidamente remodelada pelo hibridismo, pela plasticidade e a modularidade que a comunicação digital pode oferecer. E, com estes movimentos, as plataformas sociais instalaram-se nas nossas vidas. Chegamos hoje à discussão na esfera política de um serviço universal de Internet, como um bem comum. A persistência dos novos media instalados como um hábito, embora não seja novo, é agora incorporado no funcionamento social como algo irrevogável. Mas como escreve Pedro Miguel Frade em *As Figuras do Espanto* (1992), sobre um momento em que a fotografia ainda era uma tecnologia que causava estranheza, pensar “a modernidade do olhar” era também um “efeito contínuo e cumulativo” (1992, 7) do que tende a permanecer obscuro. As tecnologias culturais podem ser paradoxalmente surpreendentes quando vistas da perspectiva da novidade ou persistência.

Da perspectiva da novidade e parafraseando Simondon (2012), podemos afirmar que vivemos tempos de uma amplitude de *tecnicidades sociais* onde a abertura (*openness*) das estruturas tecnológicas converge com a abertura das relações sociais, em condições extremas. Ambos os dispositivos se entrecruzam com o domínio económico, político e ecológico, onde as estruturas de poder projetam a interação da vida comum e a interação dos sujeitos digitais por meio de seus objetos digitais (Fuchs 2019).

A consciência coletiva do poder político das novas tecnologias “habituais” precipitou há dez anos nos primeiros movimentos sociais digitais do século XXI. Os *smartphones*, *cibercafés* conectados às redes sociais espalharam *tweets*, imagens e vídeos no *YouTube*, a partir de estruturas participativas, tornando-as políticas e desestabilizando uma ordem global com os seus protestos. Estes movimentos surpreenderam e libertaram práticas digitais que marcaram um momento da História recente, digitalmente mediada. Desde essa altura, as paradoxais vidas digitais evoluíram e os “novos media habituais” complexificaram-se.

Como lazer ou renovação das estruturas institucionais contemporâneas, os regimes foucaultianos foram remodelados pelas paisagens de controle (Deleuze 1992), onde a “economia da atenção” e os *novos media habituais* encarnam a metáfora da serpente sustentada pelos atos imperceptíveis de nossas existências involuntárias.

Com o momento pandémico, os modos contemporâneos de existência fizeram emergir tais mediações como globalmente evidentes. As fragilidades expostas da vida real e orgânica parecem agora ser mediadas na convivência, mas também na comunicação e até mesmo a hipótese de contacto, quase do toque, através da existência digital e da mediação tecnológica dos *novos media habituais*. No contexto da pandemia, “a vida no écran” torna-se o cânone da existência contemporânea. A tessitura social contemporânea é composta do hibridismo dessa conexão habitual através das zonas de interação autónomas dos interfaces digitais com cada espaço íntimo.

Pessoas a exporem as suas vulnerabilidades e intimidade de forma pública nas redes sociais é um dos temas de eleição de Natalie Bookchin. Como referência artística de Wendy Chun em *Updating to Remain the Same: Habitual New Media* (2016), a obra desta artista enquadra e antevê a visibilidade crítica de um coro coletivo constituído nas plataformas visuais online. Numa entrevista generosa sobre este assunto, Natalie Bookchin partilha os seus pensamentos e preocupações sobre as práticas formais da experiência social e mediada, através de um método recompositor de fragmentos visuais organizados em filmes operáticos como *Laid Off* (2009)<sup>1</sup>, até a uma reflexão sobre o sentido e o destino das barreiras físicas no seu novo projeto em desenvolvimento.

Os artigos e o ensaio visual desta edição cobrem uma ampla gama de tópicos que vão desde o ativismo *online* ao consumo de serviços de *streaming* de vídeo, da

<sup>1</sup> *Laid off* está disponível em <https://vimeo.com/19364123> Acessado em 28 de novembro de 2021.

ressignificação de formatos digitais ao impacto do confinamento em trabalhadores devido ao teletrabalho. O que permeia todos os artigos e o ensaio visual é o papel central dos novos media. Indiretamente, a crise também está presente em muitos trabalhos. Mudança e repetição. Respostas caleidoscópicas organizam esta edição, lembrando-nos da reflexão constante sobre as estruturas mediáticas emergentes da tensão entre hábito e obsolescência, novidade e permanência.

Formato criado para suportar imagens de baixa resolução nos primórdios da Internet, o GIF ganhou um novo *status* quando passou a ser usado para gerar pequenas animações. O potencial narrativo e visual do *looping* infindável e efêmero do GIF animado é o tema do artigo da Assunção Gonçalves: “Narrativas cíclicas do GIF Animado: A visibilidade do invisível”.

Ricardo Zocca e Moisés Martins investigam em “Sdubid, o retrato da atualidade: Análise da arte de Tommy Cash”, as dualidades e contradições presentes no videoclipe do artista estónio Tommy Cash, alguém que encarna nas suas obras visuais um inquietante “cinema de atrações *reloaded*” (Strauven 2006) na paisagem do *YouTube*. Para os autores, a angústia e a insatisfação presentes no videoclipe representam o *Zeitgeist* ou o espírito da época.

Durante o confinamento imposto devido à pandemia de Covid-19 em 2020, verificou-se um aumento do consumo de serviços *online* de *streaming* de vídeo em Portugal. No artigo “*Homo Streamius Lusitanus*: uma breve análise sobre o recente comportamento do espectador Português em serviços de *Streaming* e *Video-on-Demand*”, António Sanganha examina dados de subscrição de serviços de *streaming* nacionais e internacionais antes e depois do primeiro confinamento em Portugal, em 2020, e compara-os com a receita de bilheteira do país.

As “Primaveras Árabes”, o 15-M (movimento Indignados), os movimentos *Occupy* nos Estados Unidos e o Movimento 12 de Março (M12M) em Portugal (Castells 2015) foram movimentos que começaram *online* ou fizeram um uso intenso das redes sociais para a divulgação de informações e para obter apoio. Mas todos esses movimentos tiveram um grande componente de manifestação nas ruas. Em “WhatsApp e Espaço de Autonomia: Etnografia digital sobre a mobilização de um grupo ativista ligado ao Movimento Brasil Livre e à causa antiprivilégio”, Geraldo Bittencourt e Jorge Martins Rosa descrevem como grupos ativistas utilizaram o “Whatsapp”, serviço de mensagens instantâneas, reativando nesta plataforma o potencial tecnológico e a agência colectiva, para se organizarem e procurarem atingir as suas reivindicações, ao pressionarem os deputados brasileiros.

Nos últimos anos, vimos o surgimento de posições políticas polarizadas como os grupos de culto de extrema direita. De fenómenos locais a plataformas globais, estes grupos conquistaram muitos seguidores em todo o mundo, transformando hábitos de utilização dos media para os seus propósitos. As teorias da conspiração política apoiadas por crescentes movimentos anti científicos durante as pandemias revelam a atualidade

como um momento crítico. Em “O Universo Previsível: Da *Lei da Atração* nos Novos Media”, Carolina Ferreira Baptista problematiza a *Lei da Atração*, considerando-a como um discurso e conceito operativo para questionar este presente.

Durante o confinamento no Brasil, numa entrevista para um órgão de comunicação, vários diretores de agências de publicidade afirmaram que as suas empresas estavam preparadas para o teletrabalho, que não havia ocorrido queda de produtividade e que os seus clientes não foram nem seriam afetados. Incomodados com a ausência da voz dos trabalhadores das agências de publicidade, Lucas Schuch e Juliana Petermann realizaram uma pesquisa com profissionais que não ocupam cargos de liderança em agências de publicidade. Os resultados estão no artigo “Home office e a indústria de publicidade no Brasil”, questionando a institucionalização do teletrabalho.

“Toda atividade humana está sujeita ao hábito [...] a parte mais importante da formação do hábito da atividade humana é coextensiva com a institucionalização desta última” (Berger e Luckmann 1967, 70-72). Representando uma casa de bonecas como ferramenta de investigação, interface e palco, Antonia Hernández utiliza ações de repetição para explorar os usos de uma webcam num site de conteúdo sexual. Através do humor, da crítica e do hábito, o ensaio visual “*Pornografía de Mantención*” indaga sobre a reprodução social de hábitos invasivos de intimidade na economia das plataforma digitais.

Na secção dedicada às recensões, dois livros publicados em 2021 trazem temas prementes. Ao abordar o sigilo e a transparência, o público e privado, a autenticidade, a vigilância, a propriedade, o sistema bancário *offshore*, o ativismo, a arte, ou o vício, o *Book of Anonymity* concentra-se num conceito que começou a ganhar importância no século XVIII—durante a Revolução Industrial— e que é hoje mais relevante do que nunca: o anonimato. O livro, que reúne 28 ensaios e alguns trabalhos criativos, artigos académicos e textos experimentais de colaboradores com diversas formações culturais, é apresentado por Ana Luísa Azevedo.

Também Dilson Bruno resenha *Atlas of AI: Power, Politics, and the Planetary Costs of Artificial Intelligence*, de Kate Crawford. Crawford explora as ramificações e os impactos de nossos novos hábitos no planeta. Argumentando que a IA é fundamentalmente política, o livro questiona em que tipo de mundo queremos viver. Numa composição original de apresentação—como um atlas—do *machine learning* e das suas implicações sociais, políticas e ecológicas, Crawford, como Bruno apresenta, em última análise questiona-nos sobre o que é a “Inteligência”? Uma questão crucial para abordar os modos contemporâneos de mediação digital que incorporamos como habituais.

---

## Bibliografia

- Berger, Peter L., and Thomas Luckmann. 1967. *The Social Construction of Reality: A Treatise in the Sociology of Knowledge*. New York: Anchor Books.
- Bourdieu, Pierre. 1972. *Esquisse d'une théorie de la pratique: Précédé de «Trois études d'ethnologie kabyle»*. Genève: Librairie Droz.
- Castells, Manuel. 2015. *Networks of outrage and hope: social movements in the Internet age*. Cambridge: Polity Press.
- Chun, Wendy Hui Kyong. 2026. *Updating to remain the same: Habitual new media*. Cambridge: The MIT Press.
- Deleuze, Gilles. 1992. "Postscript on the Societies of Control." *October* 59: 3-7. <http://www.jstor.org/stable/778828>.
- Frade, Pedro Miguel. 1992. *Figuras do Espanto: A Fotografia antes da sua Cultura*. Porto: Edições ASA.
- Fuchs, Christian. 2019. *Rereading Marx in the Age of Digital Capitalism*. London: Pluto Press.
- Giuseppe, Tomasi di Lampedusa. 2015. *The Leopard*. New York: Pantheon books.
- Kemp, Simon. 2021. *Digital 2021 October Global Statshot Report*. DataReportal—Global Digital Insights, October 21, 2021. <https://datareportal.com/reports/digital-2021-october-global-statshot>.
- McLuhan, Marshall. 1994. *Understanding Media: The Extensions of Man*. Cambridge: The MIT Press.
- Simondon, Gilbert. 2012. *Du mode d'existence des objets techniques*. Paris: Aubier.
- Strauven, Wanda. 2006. *The cinema of attractions reloaded*. Amsterdam: Amsterdam University Press.

—

**Nota biográfica**

Madalena Miranda é cineasta e investigadora. Atualmente é professora convidada do Departamento de Ciências da Comunicação da NOVA-FCSH e é investigadora integrada no ICNOVA no grupo Cultura, Mediação e Artes. É doutorada em Media Digitais, Criação de Conteúdo Audiovisuais e Interativos, pela NOVA-FCSH. É licenciada em Ciências da Comunicação pela NOVA-FCSH, Cinema e Televisão e Mestre em Antropologia ISCTE-IUL. Os seus interesses de pesquisa englobam Teoria e Crítica dos Media Digitais, Cinema e Estudos Visuais e Ecomedia.

—

**ORCID iD**

[0000-0003-0066-0781](https://orcid.org/0000-0003-0066-0781)

—

**CV**

[3319-7960-1378](#)

—

**Morada institucional**

Campus de Campolide — Colégio Almada Negreiros. Gabinete: 348, 1099-032 — Lisboa. Morada postal: Av. de Berna, 26 C, 1069-061 — Lisboa, Portugal.

—

**Nota biográfica**

Ilo Aguiar Reginaldo Alexandre é doutorado em Media Digitais pela Universidade NOVA de Lisboa no âmbito do programa internacional UT Austin | Portugal, membro no iNOVA Media Lab, laboratório do ICNOVA (unidade I&D), na Universidade NOVA de Lisboa, e do Computational Media Lab, na Universidade do Texas em Austin. Licenciado em Ciências da Comunicação e mestre em Novos Media e Práticas Web. Sua principal área de investigação explora a visualização de dados, redes sociais, métodos digitais e jornalismo de dados.

—

**ORCID iD**

[0000-0002-1256-6613](https://orcid.org/0000-0002-1256-6613)

—

**CV**

[4E15-DCFC-AFA6](#)

—

**SCOPUS**

[57191405071](#)

—

**Morada institucional**

Campus de Campolide — Colégio Almada Negreiros. Gabinete: 348, 1099-032 — Lisboa. Morada postal: Av. de Berna, 26 C, 1069-061 — Lisboa, Portugal.

—

**DOI** <https://doi.org/10.34619/ls8x-3mmt>